

Festejos Farroupilhas 2019: Vida e Obra de Paixão Côrtes



João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes nasceu em Santana do Livramento, na Fronteira Oeste Gaúcha, em 12 de julho de 1927. Era agrônomo, mas ficou conhecido por ser folclorista, compositor, radialista e pesquisador, considerado como um dos ícones da cultura e dos costumes gaúchos.

Faleceu aos 91 anos de idade, em 27 de agosto de 2018, na capital gaúcha, no Hospital Ernesto Dornelles.

De família pequena, apenas dois irmãos e uma irmã de criação, o avô materno era santanense, e o avô paterno de Bagé. O menino Paixão foi criado desde pequeno nas estâncias do avô materno, acompanhando o pai que também era agrônomo. Formado em POA, o pai

estudou cinco anos nos EUA, coisa excepcional para a época.

Do avô materno, o João Pedro Rodrigues D'Ávilla, herdou o gosto pela música, bem como de sua mãe, que foi dotada de qualidades musicais.

Aos 12 anos, o menino foi-se embora de Santana do Livramento rumo a Uruguaiana. Esteve em Porto Alegre pela primeira vez no ano de 1935, por ocasião da exposição do centenário da Revolução Farroupilha, sendo seu pai o responsável pela parte pecuária.

Aos 17 anos perdeu o pai, o que mudou toda a estrutura familiar. Trocou as férias no campo pelo emprego. Começou na Secretaria de Cultura, onde o pai teve muitos contatos.

No ano de 1946, Paixão iniciou os estudos no Julinho, em POA, e terminou o curso científico no ano seguinte. Em 1949 entrou no curso de Agronomia, na UFRGS, e passou a desenvolver na Secretaria da Agricultura um trabalho de extensão no interior do Estado.

Em 40 anos de serviço, passou pelas Estações Experimentais de Pelotas, Santana do Livramento, nos Campos de Cima da Serra e em Porto Alegre, também como professor dos cursos de classificação de lã, ovinotecnista e, por fim, chefe do Serviço de Ovinotecnia.

Paixão Côrtes foi responsável pela abertura de mercado da ovinocultura no Rio Grande do Sul. Foi ele quem trouxe da Europa novos métodos e tecnologias de tosquia,

desossa e gastronomia, além de incentivar o consumo de carne ovina.

Paixão foi também um personagem decisivo na história cultural do Estado, um legítimo produto da II Guerra Mundial. Com o fim da guerra, a mudança no comportamento brasileiro e rio-grandense se intensificou e os americanos passaram a descarregar todo o poder econômico. Na música, ritmos como blues, jazz e as grandes orquestras deixaram claro a influência norte-americana sobre a população, sem contar o Capitão América e a Coca-Cola.

As coisas do interior eram estranhas ao povo da capital, tomar chimarrão, por exemplo, só dentro de casa. Bombacha, ninguém usava. Paixão, no entanto, ia ao Colégio Júlio de Castilhos de bota e bombacha. Quando fazia frio, botava o poncho. Se chovia, um chapéu. O chamavam de "guasca de fora" o que, para ele, não era ofensa alguma.

Mas o pessoal do interior se reconhecia. E entre mates e contações de histórias, Paixão e os amigos inventaram seu próprio galpão. A ideia do Departamento de Tradições Gaúchas do Julinho custou a se concretizar, mas uma hora foi. E aí, já começaram os trabalhos. O primeiro deles? A ideia meio absurda de estender o 7 de Setembro até o dia 20, e ainda levar uma centelha da Pira da Pátria até o Colégio Júlio de Castilhos.

Coragem e curiosidade parecem qualidades que nunca faltaram ao mestre Paixão Côrtes. No Caderno Piá dos meses seguintes, mais histórias e informações históricas sobre o jovem que "inventou o gaúcho".

Fonte: <http://www.paginado-gaucha.com.br> - Matéria coletada do Caderno Cultura, Jornal Zero Hora, de 15 de maio de 2004.

Foto: Deivis Bueno / Estampada Tradição



PESQUISA

A medicina campeira no Rio Grande do Sul (PARTE 01)

Este é o resumo do trabalho "Medicina Campeira e Botica Caseira", por Paulo Augusto Vieira Petry, Peão Farroupilha da 15ª RT 2018/2019, técnico em Agropecuária e bacharelado em Medicina Veterinária pela UniRitter. Trabalho realizado e apresentado por ocasião da Diretriz do Entrevero Cultural de Peões, Guris e Piás do Rio Grande do Sul.

Na introdução do trabalho, um parecer claro e objetivo da importância da pesquisa em âmbito cultural e profissional, no caso do peão:

"É inenarrável a importância para nós, cultivadores e divulgadores de hábitos antigos do nosso povo, o conhecimento dessas técnicas caseiras que por muito tempo foram as únicas utilizadas no tratamento das enfermidades do homem e das suas criações. Em especial para mim, o tema desta pesquisa veio a acrescentar inclusive nos meus conhecimentos acadêmicos e profissionais, uma vez que curso medicina veterinária e trabalho em uma empresa de produção animal. Nesses setores é cada vez mais sabido o prejuízo imuno e fisiológico que a utilização constante de medicamentos quimicamente elaborados provoca."

A História da Medicina Campeira no Rio Grande do Sul

O povo brasileiro é formado por muitas etnias. Cada uma delas traz na bagagem vastos conhecimentos empíricos sobre a cura através de remédios naturais e caseiros.

São muitas as nomenclaturas características da pessoa que detém esses conhecimentos e se dedica à cura de seus semelhantes, variando com a cultura local. Surgiu assim a figura do curandeiro, curador, benzedor, pucangueiro, carimbamba, xangozeiro, rezador, raizeiro, doutor das raízes, mandraqueiro, entre outros, e suas respectivas representações femininas.

Assim também ocorreu no Rio Grande do Sul: as diferentes etnias que o formaram apresentam enorme gama de saberes sobre a medicina campeira. Já nos primeiros habitantes do nosso chão, os índios, encontramos os maiores conhecimentos sobre as propriedades curativas da nossa fauna e flora, afinal, conheciam melhor que todos a natureza e as peculiaridades

de cada bioma do território gaúcho.

Em geral, era na figura do Pajé, que além de líder espiritual atuava como médico (para eles, curandeiro), que se depositavam todos os conhecimentos medicinais das tribos indígenas. Para qualquer doença, seja mal do corpo ou do espírito, havia um remédio que podia ser tirado da natureza.

Com a chegada dos portugueses e espanhóis, vieram novos conhecimentos medicinais, que, por sua vez, foram herdados de antigas tri-

bos celtas que colonizaram a Península Ibérica. Historicamente essas tribos já tinham domínio das ervas e de seu poder de cura.

No povo celta havia a figura do Druída, uma espécie de mago que dominava os conhecimentos da filosofia e amparava-se na natureza com harmonia e magia. Também as Esteghe (mulheres) que tinham grande conhecimento das ervas do campo e, atrelando sua utilização à fé nos santos católicos, começaram a desenvolver benzeduras. Daí a origem das benzedoras, personagens presentes até hoje no folclore regional.

No período de colonização do Rio Grande do Sul, muitas foram as famílias de origem celta que, através da imigração lusa e hispânica, chegaram ao solo gaúcho. Aqui as benzedoras estavam longe das fogueiras da Inquisição Romana e, livres, puderam estudar as plantas de acordo com cada região geográfica que habitavam e assim desenvolveram remédios para os males do dia a dia

que acometiam homens e animais.

Logo chegaram os negros. Com eles também vieram os saberes que originaram a conhecida figura do "feiticeiro". Com o tempo, o feiticeiro foi sendo trocado pelos pais-de-santo, aderindo um caráter religioso de guia espiritual ao de curandeiro. O poder de cura deles também exerce ligação com os dois mundos – real e espiritual – e conta com elementos naturais e religiosos para sua ação. Nas religiões afro é através de oferendas aos Orixás que se alcança a cura para determinadas enfermidades.

Esses conhecimentos foram se mesclando e se difundindo. Os imigrantes alemães, italianos e poloneses que vieram posteriormente para o Rio Grande do Sul já conheciam novidades farmacêuticas, tendo em vista a época em que aqui chegaram. Porém, mesmo com tantas indústrias de medicamentos, nunca sucumbiram por completo os ensinamentos caseiros sobre os remédios naturais.



EXPEDIENTE

Informativo integrante do Eco da Tradição, edição de Maio de 2019. Publicação da Vice-presidência de Cultura do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Responsabilidade técnica: Mirelle de Hugo Farias. Elaboração: Renata da Silva



Veterinária campeira

Em conversas com os mais antigos, percebi alguns costumes usados para a prevenção e cura de determinadas doenças nos animais. Essa "veterinária campeira" está quase perdida, pelo mesmo motivo de facilidade de acesso aos fármacos comprados. Contudo, listo aqui alguns remédios tradicionais que pessoas com quem conversei a respeito do tema me ensinaram:

> Para equinos

- Garrotilha: queimar trapo junto às ventas;
- Castração: observar a lua (que deve ser a minguante), para o animal perder menos sangue. Após a castração, atirar os "bagos" (testículos) para frente, para o animal não ficar "tropicão". Também devemos pegar uma folha seca de milho e raspar no corte para depois ser queimada, o que previne a hemorragia;
- Broca: limpar a broca com a ponta da faca e colocar sebo quente tampando com lâ;
- Sarna (micuim): despejar urina e limão, óleo queimado ou querosene;
- Pisadura de arreio (lombo assado): raspar uma boneca de anil e deixar o pó cair sobre as feridas, retendo com um pouco de saliva;
- Dor de urina: pode-se colocar um calinho de urtiga embaixo do sabugo do animal, introduzir um "taruguinho" de fumo bem no fim da "tripa cancheira", ou colocar um grilo vivo no mesmo local. Também é hábito dar-lhe três cervejas pretas;
- Manqueira (quando o cavalo está "sentido dos cascos"): passar rapadura aquecida no mole e na sola do casco. Sebo de ovelha aquecido também é bom.

> Para bovinos

- Bicheiras em gado adulto: curar com benzeduras;
- Bicheiras em terneiros: na falta de creolina na hora das "curanças", encher as bicheiras com esterco de cavalo, extrair todas as larvas ou o gusano e depois colocar esterco seco, bem socado, para asfixiar alguma larva que ficou;
- Terneiros guaxos que não querem mamar: trocar a chupeta da mamadeira e banhá-la com leite direto da vaca;



- Febre Aftosa: quando são animais mansos e em pouca quantidade, amarralos dentro d'água, para combater a febre e a eventual bicheira dos cascos. As aftas, que por vezes formam grandes placas amarelas na boca e no focinho, são tratadas com salmoura forte e vinagre ou então com creolina;
- Feridas nos tetos das vacas: depois que o terneiro mamar, passar nos tetos um azeite de mocotó, extraído de forma caseira das patas das ovelhas e de animal vacum;
- Berne: o melhor é espremê-lo quando estiver maduro. Quando são muitos animais, levá-los ao brete e, com um pincel feito de cabelo, esfregar óleo queimado com pó de fumo nos locais infectados, procurando destruir a goma que o berne bota para fora, pois essa, depois de seca, protege a boca da ferida;
- Castração: pegar uma folha seca de uma planta qualquer e raspar em cima do corte para prevenir que o animal tenha hemorragia.

> Para ovinos

- Lombrigas: usa-se cozimento forte de erva de santa maria, ou então uma salmoura forte com um pouco de querosene;
- Carneiro Estropeado: passar nos cascos rapadura melada.

> Para caninos

- "Mal do sangue": atar no animal uma coleira de sabugo sapecado;
- Sarna: passar lâ de pelego embebida em creolina.





ARTE

Patrono Festejos Farroupilhas do RS: César Oliveira

São 20 anos de carreira, 11 discos gravados e 3 DVD's. As conquistas do músico César Oliveira, aos 49 anos, podem ser resumidas nestes números. Seria impressionante, mas não suficiente.

Tradicionalista desde moleque, criado nos pagos de São Gabriel junto com o amigo Rogério Melo, trocou os tabladros pelos palcos de festivais e testemunhou a vida dar certo através da arte. Hoje, a dupla nativista César Oliveira e Rogério Melo, é uma das maiores referências do cenário musical do RS, com público cativo e crescente, além do prestígio perante a crítica e a imprensa.

De opinião formada e posicionamento forte, ao ser entrevistado pela Gaúcha ZH após a indicação a Patrono do Festejos Farroupilhas, César

Oliveira deixou clara sua opinião sobre um assunto bastante corriqueiro em nosso meio: os jovens. Disse o músico: "é preciso abraçar e trazer o jovem para o movimento".

Música Gaúcha #EuApoio

Para o quadro Música Gaúcha #EuApoio, pedimos ao Patrono dos Festejos Farroupilhas que indicasse uma obra significativa de sua preferência, como forma de mensagem a nossa juventude tradicionalista. Dois poemas de autoria de Anomar Danúbio Vieira foram suas escolhas, e abaixo transcrevemos um deles, que se tornou um hino da música gaúcha, e que aborda a simplicidade das coisas da nossa gente sem perder de vista os valores e bons costumes.



O Que é Sagrado Pra Mim

Anomar Danúbio Vieira

Há certas coisas na vida
Que são sagradas pra mim
Bom cachorro, bom cavalo,
Derrubar terneiro a pealo,
(Acreditar no que eu falo,
Deus do céu me fez assim.)

A família e o respeito
E o meu pago macanudo,
Um verso simples bem feito
Que mostre o pampa e seu jeito,

(Ao homem o que é de direito,
Vergonha acima de tudo!)

Bis

Q que é sagrado pra mim,
Dou valor e cuido bem
E a cada exato segundo,
No saber mais me aprofundo.
(Só vive bem com o mundo
Quem ama as coisas que tem.)

Bis

Há certas coisas na vida
Que são sagradas pra mim...
Uma milonga ponteada
Num improviso de "payada",
(E o beijo da prenda amada,
Sabor de mel de mirim.)

O campo e seu universo
E o meu galpão entonado

Um mate depois do outro
E não me comprem por morto
(Que eu só acredito em potro
Que tenha queixo quebrado.)

A honra e a liberdade
Me garantindo o serviço,
Os amigos de verdade,
Sentir bem cada saudade,
(Com a alma xucra, à vontade,
Sou assim, "pido permiso".)